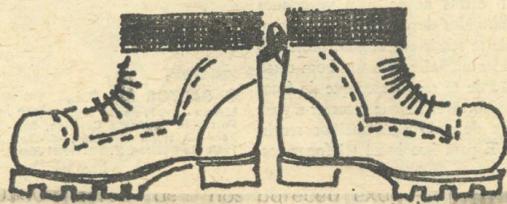


Quatro tipos da "Kosna"



O ROSNALETRAS

Históricamente oriundo do Oligocénico, época de grandes perturbações em parte causadas por ele, é parente do burro, do eruditus cafevibus e do ratus libraeriae. Vive na escuridão dos antros usualmente designados por cafés, nos recantos ensombrados das livrarias e nos foyers dos cinemas, onde ninguém nota a sua palidez cadavérica. A luz do neon confunde-se com o homem mas ao sol o seu parentesco com a toupeira torna-se imediatamente evidente. É dado ao uso de casacos desportivos de camurça ou de coiro que lhe dão um ar de militante que cultiva para disfarçar certas deficiências físicas causadas pela falta de sol, mas tem o cuidado de usar esses trajes desportivos apenas nos antros escuros que frequenta. Como no campo não encontra quem esteja disposto a ouvi-lo, não frequenta o campo mas como lê revistas estrangeiras e está sempre a par das antepenúltimas modas de Paris, cultiva o vestuário lá fora usado por quem passa os fins-de-semana «en campagne» — daí o andar de casaco de camurça na Rua do Ouro. Rosna letras com grande facilidade, sobretudo letras de revistas literárias que, além de serem mais baratas do que livros propriamente ditos, são mais facilmente transportáveis nos bolsos dos casacos de camurça e conferem a quem as lê opiniões precisas, rigorosas e definitivas sobre os mais variados autores que não carecem, assim, de ser lidos. Alimenta-se mal em pequenas tabernas e restaurantes porque não tendo dinheiro para frequentar os restaurantes caros, é forçado a classificá-los de «burgueses» a fim de justificar a sua impossibilidade de os frequentar. Acresce que não se sente à vontade longe do seu habitat natural e dos seus frequentadores, tal como se não sente à vontade na vida. O Rosnaletras tende a classificar de «estúpido», de «burguês» ou de «vendido» quem não tem paciência para o ouvir. Como actividade política desempenhou durante anos a corajosa função de assinador de listas e de abaixo-assinados embora, em certos casos delicados e perigosos, tenha resolvido «não estar em casa» ao ser procurado para esse fim. Nunca ataca, nem mesmo quando é atacado, preferindo a rosna a todas as armas. Nas grandes manifestações rosna de longe.



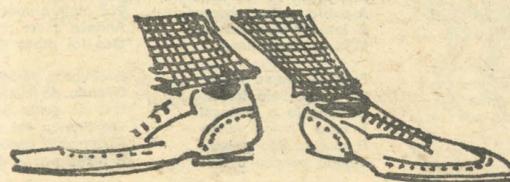
O ROSNAÉTICAS

O Rosnaéticas não assistiu à criação do mundo — se tivesse estado presente quando esse evento teve lugar, teria menos preocupações de ordem ética. Trata-se, portanto, dum animal recente, de árvore genealógica ainda mal investigada. Ao que parece, os seus antepassados viviam em torno de certos castelos medievais, dedicavam-se à manufactura artesanal duns cintos muito em voga quando os cavaleiros partiam para as cruzadas e eram conhecidos pelo nome de lateiros, não por trabalharem com lata, mas pela lata que revelavam ao admitir a hipótese de que os tais cintos servissem para alguma coisa. Sabe-se que o rosnaéticas teve sempre uma única preocupação: a de obrigar os restantes animais a viverem segundo os princípios éticos por ele impostos e por ele tidos por válidos. O problema de saber por que motivo é que os restantes animais deviam viver segundo os princípios impostos pelo Rosnaéticas só muito recentemente começou a ser debatido mas ninguém conseguiu, até agora, atinar com uma resposta aceitável. Apesar disso, o rosnaéticas impôs-se durante muitos anos e gozou de grande prestígio, principalmente em pequenas localidades de população habituada a dar à língua, prática a que o rosnaético, aliás, sempre se opôs por horror ao escândalo. Supondo-se sabido em história, dedica-se o rosnaético à prática do discurso impositivo, isto é, à prática dum tipo de discurso que pretende demover os homens de fazerem o que lhes apetece com ameaças de grandes desgraças que presumivelmente aconteceram num já remoto passado, a quem também fez o que lhe apeteceu. O rosnaéticas comporta-se, assim, como um pai que pretende convencer o filho a não urinar alegando que Noé urinava e que no tempo dele houve uma inundação tão grande que ele teve de se meter numa arca flutuante, o que é pouco convincente porque no tempo de Noé não havia esgotos e porque, de qualquer forma, é muito mais divertido andar de arca do que de autocarro. Daí a pouca importância que os homens dão actualmente ao rosnaéticas que já quase só consegue sobreviver em Lisboa, onde se dedica a criticar a mini-saia, os jovens barbudos, a depravação dos costumes, a falta de patriotismo, o desastre da Baía dos Porcos, a evolução do fado menor, a substituição do cavalo pelo automóvel, a divulgação dos livros de bolso e o descaramento das mulheres.



O ROSNACORES

Datam do período do «Cromagnon» os primeiros vestígios do aparecimento deste mamífero à superfície da Terra, segundo escavações recentes. A sua árvore genealógica confunde-se (daí para trás), com a do seu parente próximo «Eruditus Cafevibus». Pode dizer-se que o aparecimento das primeiras pinturas rupestres está ligado à vida deste animal, já com características perfeitamente distintas. Do ponto de vista morfológico este espécime tem o corpo coberto de pêlos em quantidade variável e a cujo tratamento o animal dedica uma boa parte do seu tempo. É quase destituído do sentido da visão, facto que não é de estranhar uma vez que sai do seu «habitat» quase exclusivamente à noite. Ainda pelo mesmo motivo não distingue as cores. Quer pela sua morfologia exterior (aspecto franzino e pouco saudável), quer pela hostilidade do meio exterior, o seu «habitat» é muito restrito: galerias-cafés, cafés-galerias, o que se reflecte no seu comportamento por uma grande inclinação para a solidão, tristeza e, não raras vezes, para a paranóia. A compensação deste imobilismo físico é uma intensa vida interior que os leva a escrever longas colunas ou fazer conferências em fascículos sem dizer absolutamente nada. Quase todos são especialistas, como é natural, em abstracção. A nostalgia do tempo das pinturas rupestres leva-os a tomar partido, sem reservas, pela arte «underground». Chamam eles ao facto, em linguagem técnica raramente acessível ao ser humano, tornar-se «engagé». O Rosnacores têm normalmente uma maneira bizarra de se vestir; cada um tende a reconstituir no dorso e nos membros a obra ou a corrente estética que mais o impressionou. Esta preocupação do revestimento a que se chamou bizarra generalizou-se também porque «bizarra» rima com «guitarra» e é, por conseguinte, uma preocupação de profunda raiz nacional. Apesar da sua tendência para o isolamento, o Rosnacores tem momentos de ameno convívio com os seus pares, não pelo sagrado dever da reprodução da espécie — são problemas que não o preocupam — mas para zelar pela perpetuação mística das artes. A estas reuniões de culto, normalmente presididas por um oráculo-licenciado, dá-se o nome de tertúlias.



O ROSNACONTAS

Históricamente descendente dos homens do quaternário que ficavam nas cavernas a tomar conta das vassouras e das malgas da colectividade enquanto os outros iam à caça, teve por avós os criados dos grandes senhores feudais que os ditos tratavam por tu conferindo-lhes, dessa forma, um grau quase nobiliárquico que os levou a considerarem-se diferentes dos camponeses. Dos antepassados das cavernas, que eram obrigados a andar com a cabeça abaixada para não darem com ela nas asperezas dos tectos, herdaram a curiosíssima postura física que os caracteriza quando em presença dos seus superiores hierárquicos e que leva certos observadores menos atentos a considerá-los, senão marrecos, pelo menos invertebrados. Dos seus avós feudais, que serviam os nobres da época, herdaram o tom de voz com que actualmente se dirigem aos desgraçados contribuintes que lhes pagam os ordenados sempre que os ditos cometem a imprudência de pedir qualquer coisa em troca dos referidos ordenados. O rosnacontas, apesar de invejado por quantos rosnacontas potenciais existem, por ter reforma e não carecer de fiador ao comprar televisões a prestações, considera-se vítima por motivos que ainda ninguém entendeu perfeitamente. Usa gabardine azul ou castanha-clara, anda sempre com um pente na algibeira e tem, no bolso interior do casaco, uma colecção de canetas que simbolizam a sua função e definem o seu grau hierárquico: o rosnacontas de terceira tem uma Waterman, o de segunda uma Parker 51, o de primeira uma Parker 51 e uma esferográfica/multicor, etc. Ao contrário de seus pais, o actual rosnacontas não usa manga de alpaca senão por dentro e lamenta profundamente que tenha sido abolida a licença de isqueiro porque essa licença servia para disciplinar o povo que, na sua opinião, devia ser catalogado e ordenado segundo um critério hierárquico legalmente imposto. O rosnacontas rosna, como é natural, acerca de contas e, muito principalmente, acerca das suas porque se considera mal pago. Basta chegar ao seu conhecimento que um indivíduo ganhou uma fortuna por qualquer feito extraordinário para que a baba lhe escorra de raiva, isto porque entende que nunca fez nada de extraordinário unicamente por se ter sacrificado à causa pública.

